

## “Os estabelecidos e os outsiders”

Um convite para repensar heranças Histórico-sociológicas

Ludmila Gonçalves Martins<sup>1</sup>

**Resumo:** Em “Os Estabelecidos e os *Outsiders*”, Norbert Elias discorre acerca das normas de socialização e relações de poder estabelecidas numa pequena comunidade da Inglaterra nos arredores de uma zona industrial composta de três setores; que, apesar de não diferirem quanto ao aspecto econômico, sustentavam uma pluralidade latente em suas práticas e preceitos de socialização, reproduzindo sentimentos de discriminação, delinquência e exclusão entre os moradores de diferentes grupos. A partir de tais conclusões, este artigo propõe uma análise das relações de convivência que se constituíram naquela localidade levando em consideração a forma como se deu a construção do imaginário social dos moradores, sobretudo dos jovens, frente à percepção que esses tinham de si e de sua vizinhança.

**Palavras-chave:** Relações de poder; Discriminação; Delinquência; Exclusão; Jovens.

**Abstract:** In "The Established and the Outsiders," Norbert Elias talks about the rules of socialization and power relations established in England in a small community on the outskirts of an industrial zone composed of three sectors, which, although not differ as to the economic, held a plurality latent in their practices and precepts of socialization, reproducing feelings of discrimination, exclusion and delinquency among residents of different groups. Based on these findings, this paper proposes an analysis of the relations of coexistence that formed in the locality considering the way they gave the construction of the social imaginary of the residents, especially young people, compared to the perception that they had of themselves and their neighborhood.

**Keywords:** Power relations; Discrimination; Delinquency; Exclusion; Juvenile.

A construção de uma cidade não se dá somente pela expansão de seus espaços geográficos em aço e concreto. Intrínseca à dinâmica de ocupação, é possível caracterizar processos de (re)produção e apropriação dos espaços urbanos por diferentes grupos sociais; que observados a partir de sua pluralidade fecundam distintas normas de socialização, que por sua vez definem várias formas de relações sociais no que se refere à convivência entre os atores locais.

Sendo assim, a ação educativa, em sua esfera formal ou não-formal<sup>2</sup>, se qualifica através da construção de estados intelectuais, psíquicos e morais aceitos pela sociedade política por

---

<sup>1</sup> Bacharel em Ciências Sociais e Mestranda em História Social das Relações Políticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

meio das normas e regras de convívio social; e sua realização se manifesta na influência das gerações adultas sobre as gerações que ainda estão em desenvolvimento de seu papel ativo na vida social.

No estudo realizado por Elias, *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade* (2000), o autor nos revela que sua pretensão naquela pesquisa de campo, num primeiro momento, era estudar os desníveis de delinquência juvenil e violência numa pequena comunidade da Inglaterra no final dos anos de 1950. Contudo, seu estudo acabou ganhando novos arranjos ao perceber que o foco de observação pretendido era sim necessário, mas implícito a tal problema estavam latentes relações de poder que iam além da violência no seu estereótipo mais evidente.

Porém antes mesmo de Elias retratar os aspectos que permeavam as relações de poder que produziam status de estabelecidos para uns e de outsiders para outros, alguns indícios evidenciam a presença de fantasmas em sua própria biografia; e que talvez tenham contribuído de forma significativa para sua percepção de emoção e sensibilidade no tratamento das relações entre poder e comportamento.

Nascido na Alemanha, mas de família judaica, Norbert Elias teve que fugir de sua terra natal quando as tropas nazistas avançaram seu poderio. Exilando-se na França em 1933, e, posteriormente se estabelecendo na Inglaterra, seus trabalhos em alemão não foram reconhecidos de imediato, vivendo precariamente em Londres até 1954.

Tendo construído grande parte de sua carreira na Inglaterra, sobretudo, lecionando na Universidade de Leicester (1945-1962) e em outros países como professor visitante (Alemanha, Holanda e Gana), Elias teve seu reconhecimento tardio, conquistado apenas na década de 1970 com a publicação de *“A Sociedade de Corte”*<sup>3</sup>; cuja vertente analítica aborda o período de reinado do Rei Luís XIV observando as relações sociais e suas

---

<sup>2</sup> Classifica-se aqui de educação formal aquela recebida nas escolas pertinentes ao nível do processo de socialização secundária. Portanto, entende-se, por sua vez, como educação não-formal aquela praticada no ambiente familiar, de convivência do indivíduo com os seus, sendo compreendida pela esfera da socialização primária.

<sup>3</sup> Copyright de 1969.

interdependências a partir do estudo dos símbolos de status e prestígios daquela organização social (Elias, 2001).

Nesse sentido, é interessante ressaltar que não só a vida pessoal de Elias tem aspectos *outsiders*<sup>4</sup>, mas sua própria trajetória profissional. Na contramão do pensamento hegemônico do estrutural-funcionalismo de que a sociedade se organiza tal qual organismos com *estruturas e funções sociais* regidas por atributos coercitivos como forma de orientação do comportamento dos indivíduos, ele adota como metodologia de pesquisa a noção de interdependência entre os indivíduos, cujo aporte se sustenta na perspectiva de que tal ligação origina *configurações* de diversas instituições que relacionadas imbricam numa teia de interdependência da sociedade.

Na obra *O Processo Civilizador* (1990), Elias narra a história dos costumes através das mudanças das regras sociais observando o modo como os indivíduos as percebiam e modificavam seus comportamentos e sentimentos a partir dessas transformações. Segundo o autor, “a civilização que estamos acostumados a considerar como uma posse que aparentemente nos chega pronta e acabada, sem que perguntemos como viemos a possuí-la, é um processo ou parte de um processo em que nós estamos envolvidos” (Elias, 1990, p.73).

Para tanto, ele usou como uma de suas fontes de pesquisa, manuais de etiqueta e boas maneiras, demonstrando assim que nossos hábitos foram modificados e, até certo ponto, enclausurados pelo controle de nossas pulsões. Deste modo, demonstrou como a apreensão de determinados saberes e valores sociais podem se converter em um lugar simbólico de poder<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> De família judaica, Elias teve que fugir da Alemanha nazista exilando-se na França em 1933, antes de se estabelecer na Inglaterra onde construiu grande parte de sua carreira. Seus trabalhos em alemão não foram reconhecidos de imediato, e ele viveu precariamente em Londres até 1954, quando passou a lecionar na Universidade de Leicester.

<sup>5</sup> Renato Janine [200-?] ao tratar desse aspecto caracterizou que a etiqueta configura dentre suas competências a ideia de hierarquia entre as pessoas. Em sua descrição ele diz: “*Os bons modos podem ser também um meio de reforçar a desigualdade social. Trato de maneira diferente meu superior e meu inferior*”. Para exemplificar sua fala ele se apropria de histórias contadas pela camareira da Rainha Maria Antonieta donde retrata que “*A rainha Maria Antonieta, da França, era excelente nisso. Conseguia, encontrando um grupo de pessoas, saudar cada uma de um jeito diferente – digamos, tocava com o dedo o chapéu para cumprimentar a menos importante, aí se virava para a segunda e retirava levemente o chapéu da cabeça*”, [Revista Simbiótica - Universidade Federal do Espírito Santo - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias. Departamento de Ciências Sociais - ES - Brasil - revistasimbiotica@gmail.com](#)

Assim, retomando a análise inicial, caracterizamos os “*estabelecidos e os outsiders*” como uma hipótese de estabelecimento de um modelo explicativo que traçasse potencialidades de diferenciais de integração entre grupos aparentemente semelhantes de uma pequena comunidade quanto ao enfrentamento da violência – física e simbólica – daquele local. Para tanto, o autor propõe analisar a interação social entre esses grupos a fim de entender as relações de poder estabelecidas naquela região segundo as normas de socialização constituídas por cada grupo daquela comunidade.

Deste modo, em sua metodologia, Elias (2000) adota como postura epistemológica a observação participante, e, como partícipe dessa realidade percebe que o grupo não se mostrava homogêneo; assim, o autor nos revela que uma mesma comunidade se divide em três zonas de convivência, sendo que duas delas estavam muito próximas quanto aos valores e práticas de convívio, porém uma terceira zona se mostrava expurgada pelas duas primeiras sob o argumento de seus moradores perturbarem a ordem estabelecida naquela região.

Neste sentido, o autor procurou levantar as características estruturais daquela comunidade em desenvolvimento e atribuir categorias de identificação a partir do olhar do nativo segundo sua posição naquele espaço social. Objetivando constituir tal observação, Elias (2000) caracterizou tanto a situação geográfica das três zonas, como também se atentou para as áreas de lazer, principalmente os bares próprios de cada grupo.

Em consonância à observação de Elias (2000), Soares (2008) faz uma comparação acerca das vítimas de homicídio tendo como aporte uma série histórica do século XVII ao XX, onde destaca: “O assassinato modal poderia ter saído das páginas policiais de um jornal de hoje, com poucas diferenças: aconteceu ao escurecer (...), dentro ou perto de uma taverna (...); tanto a vítima quanto o algoz eram homens e jovens (...)” (p. 18).

Outro aspecto interessante da pesquisa de Soares (2008) é que seu estudo estatístico-analítico das séries históricas do homicídio constatou ser este um fenômeno que, em todas as sociedades e épocas e para as quais há dados minimamente confiáveis, se verificou uma

---

*diante da terceira tirava-o um pouco mais e inclinava o corpo discretamente para a frente para mostrar maior respeito pela quarta pessoa”.*

relação entre gênero masculino e homicídio e entre juventude e homicídio. E nessa relação, segundo o autor, os jovens participam tanto como vítima quanto como autor<sup>6</sup>.

Argumentos como estes de Elias (2000) e Soares (2008) reforçam hipóteses de que sendo fenômenos históricos tanto o crime quanto o homicídio, em especial no estudo do último autor, há de se considerar características no tempo e no espaço, que abarcam outras motivações que não apenas as de ordem socioeconômica. Conforme destaca Durkheim (2001), o crime é um fato social normal a sociedade, pois é observado em todas as sociedades de todos os tipos.

Nesse entendimento a violência também se destaca como um fato social normal a sociedade, e, diante de tantas outras pesquisas que já haviam tentado sem sucesso explicar esse fenômeno naquela localidade, Elias (2000) se deparou com a necessidade de se buscar outros olhares para explicar aquela realidade.

Sendo assim, para explicitar a complexidade da região estudada segundo seus aspectos particulares, Elias (2000) adotou uma metodologia que fosse além das explicações pautadas nas instituições formais. Em seu trabalho ele dá bastante ênfase aos aspectos psíquicos como uma variável importante na configuração da sociedade.

Em consonância a isso, Berlinck em *Psicanálise da Clínica Cotidiana* (1988) ao retratar uma tentativa de terapia com menores delinquentes descreve uma relação entre imagem corporal e cidadania, tratando a delinquência como um sintoma/causa do abandono que se amplifica pela sensação de desproteção e desamparo.

Além disso, Berlinck (1988, p.33) ressalta a problemática de que o jovem é um indivíduo em formação e, portanto, ainda não desenvolveu por completo sua estabilidade emocional. Sendo assim, a ausência ou fragilidade das instituições de socialização – Família, Escola e Estado – em seu processo de cidadania pode acarretar numa visão arbitrária de conduta

---

<sup>6</sup> Se há um “mal estar na civilização”, suas manifestações mais pungentes situam-se entre os jovens que sofrem sem saber disso, sem dispor de linguagem para expressar suas dores, num mundo que os confinou no lugar do prazer e da alegria. O sofrimento dos jovens faz ruído, mas não fala de si mesmo; exhibe-se em atos extremos, mas não se enxerga (KHEL, 2008, p. 6).

social, e, portanto, numa transgressão das normas e regras, até mesmo, culminar no conflito com a Lei.

Voltando à realidade observada por Elias (2000), a relação de poder pautada numa interdependência entre indivíduos e nas possibilidades de alternativas a seguirem, expressa o modo como as configurações sociais remontam limitações enfrentadas por indivíduos que residem na terceira zona da pequena comunidade da Inglaterra, alvo de seu estudo.

Semelhante a esta ideia, Misse (2008) ao discorrer sobre a percepção da sociedade quanto ao seu imaginário frente ao crime recoloca como questão social o debate sobre os direitos e as desigualdades ante a questão criminal. Seus apontamentos refletem uma justaposição do conceito lombrosiano<sup>7</sup> do perfil criminoso no que concerne à construção identitária e social, dando então origem ao conceito de *sujeição criminal*.

Ao discorrer sobre o conceito de *sujeição criminal*, Misse relata como determinados atores são identificados como criminosos pelo imaginário social; e como consequência disso, promove a associação de determinados tipos sociais a um estigma criminal.

Extraí-se dessa discussão a forma como o estigma é evocado enquanto atributo de um lugar social. Nessa perspectiva, a noção do estigma está para além do que se pode ser visto e, portanto, se emana num lugar simbólico que a sociedade reservou a dado tipo de sujeito.

Assim em consonância às considerações de Misse, Elias (2000) ao adotar como metodologia a observação participante incorpora a sua pesquisa aspectos antropológicos aliados à atributos psíquicos, valorizando a interdisciplinaridade como forma de compreensão dos fenômenos sociais, que amparados num tempo e num espaço compõem a narrativa da historicidade da violência/delinquência na realidade estudada.

---

<sup>7</sup> “Cesare Lombroso, professor universitário, criminologista e respeitável médico psiquiatra italiano. Nasceu no dia 6 de novembro de 1835, em Verona, na Itália, e faleceu em 19 de outubro de 1909. Desempenhou importantes estudos, destacando-se os realizados no campo da antropologia criminal. (...) Lombroso foi o responsável por definir o perfil do criminoso. Apregoava que o delinquente possuía caracteres próprios, tais como: protuberância occipital, órbitas grandes, testa fugidia, arcos superciliares excessivos, zígomias salientes, prognatismo inferior, nariz torcido, lábios grossos, arcada dentária defeituosa, braços excessivamente longos, mãos grandes, anomalias dos órgãos sexuais, orelhas grandes e separadas, polidactia. A teoria lombrosiana foi desenvolvida a partir de um estudo realizado dentre os prisioneiros dos cárceres e dos manicômios. Para Lombroso a pessoa é punida pelo que ela é (...)” (SIRENA, 2011).

Elias (2000) conta aos seus leitores que além de desenvolver atividades de pesquisa ele também lecionou numa escola daquela comunidade. Convenientemente sua turma era composta por alunos caracterizados entre as faixas etárias de jovens e adultos. Sendo assim, infere-se que sua presença naquela comunidade fora amenizada pelo imaginário de confiança que este tentava construir junto aos membros dela. Pois um de seus métodos para atender aos seus objetivos era ater-se às *histórias*<sup>8</sup> contadas pelos informantes.

Segundo essa abordagem, Elias (2000) tinha por objetivo entender quais conflitos motivavam a manutenção dos altos índices de delinquência local, uma vez que, do ponto de vista econômico, a comunidade tinha características semelhantes entre seus indivíduos; daí o interesse do autor em ouvir, ler e interpretar outras histórias que as versões das estatísticas oficiais não contavam. Para tanto era preciso se envolver com a comunidade e estar atento às vivências do cotidiano e de como a própria comunidade concebia seus indivíduos.

Como argumentos importantes à justificativa para a realização da referida pesquisa, Elias (2000) tomou por base questionar as várias pesquisas quantitativas que já haviam sido feitas a respeito da alta taxa de violência local e que não haviam dado conta de resolver o impasse.

Para ele, as pesquisas estatísticas revelam parcialmente a realidade social, por isso, apesar de tantos outros já terem produzido um estudo quantitativo anterior sobre a violência e delinquência juvenil naquele local, o autor nos informa a necessidade de “dar vida” àqueles números e tornar a realidade local passível de experimentação.

Pois, é através da análise das referências que se estruturaram ao redor destes jovens, que se esperam respostas capazes de explicar o fenômeno da delinquência juvenil, questionando os elementos que subverteram a lógica da *sociedade disciplinar*<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> Em “O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício”, Ginzburg (2007) questiona o leitor a pensar numa série de vestígios que, as estórias que compõem a história oficial ou as narrativas que no embate político se constituíram como aquela predominante no imaginário social, por determinado contexto histórico-social foram relegadas a páginas menores ou nem contadas, mas que também fazem parte do processo.

<sup>9</sup> A partir da análise dos séculos XVII e XVIII, Foucault (1985) percebe a emergência de uma sociedade caracterizada pela organização do espaço, controle do tempo e vigilância pelo olhar; cujo objetivo, naquele momento, era promover o adestramento dos indivíduos, isto é, construir uma disciplina em seus corpos para torná-los submissos, corpos “dóceis” fabricados à obediência da Lei e ao trabalho.

Segundo o autor, olhar para o objeto apenas pela lógica quantitativa era insuficiente. Também era muito pouco o esforço empírico de pensar as questões locais, sem interpelar os atores sociais, e, é por isso que ele destaca a observação participante como metodologia escolhida. Até porque, segundo as conclusões de Elias (2000), os indicadores socioeconômicos dos habitantes das três zonas não se diferenciavam muito. Logo, para identificar o motivo da dissonância observada entre essas localidades era preciso desenvolver outro olhar.

Das conversas junto à população local, Elias (2000) constatou que a existência de bolsões de trabalhadores imigrantes se configurava como um fator de perturbação e/ou rompimento com algumas tradições e normas dos grupos estabelecidos, uma vez que os *recém-chegados* possuíam fraca coesão social. Em especial os jovens da Zona 3 que, do ponto de vista dos estabelecidos, carregavam certo presentismo em suas ações.

Os jovens comuns, em outros meios sociais, cedo aprendem a pensar em si em termos de futuro. Para a maioria dos jovens indisciplinados do loteamento, porém, era difícil ter qualquer visão de si mesmos a longo prazo. Eles viviam no presente e para o presente. Essa era outra diferença que contribuía para erguer barreiras entre eles e os demais (ELIAS, 2000, p.144).

Trazendo este argumento para uma discussão contemporânea desta temática, também é possível traçar uma relação entre os campos do jurídico e da psicanálise. O processo de fragmentação jurídico-corpórea tem como espectro a ausência e/ou degradação das figuras de autoridade tanto paterna quanto materna, ou quaisquer outros motivos que cabem a uma investigação contextual. O que interessa a essa discussão é que o resultado de sucessivos abandonos leva a um *estado de deriva*<sup>10</sup> por parte desses jovens, que desvalidos de uma figura de autoridade entram em conflito com a Lei.

Com *estado de deriva* se quer salientar a problemática dos jovens quanto à fragilidade do protagonismo de vidas e com a construção de perspectivas do futuro. Adicional a essa

---

<sup>10</sup> Expressão cunhada do livro “Jovem em Tempo Real” organizado por Paulo César Pontes Fraga e Jorge Atílio Silva Lulianelli (2003).

discussão, em “A frátria órfã”, Kehl (2008, p. 6) marca que “os jovens são depositários da virtualidade contida no presente”, a eles são atribuídas a esperança e a descrença; são tantas as responsabilidades imputadas aos mesmos, que sobre a capacidade de tomada de decisões a autora diz:

“É Sempre Mais Difícil Ancorar Um Navio No Espaço” Escreveu A Poeta Ana Cristina Cezar (“Recuperação Da Adolescência”). Tentemos Preencher, Com O Pensamento E Diálogo, O Inquietante Vazio Em Que Os Jovens Tentam Aportar Suas Frágeis Embarcações (KHEL, 2008, p.7).

É interessante dizer também que, apesar de terem sido desenvolvidos vários estudos sobre a problemática aqui tratada, são comuns os mesmos se preocuparem em traduzir as questões sociais que mais afligem aos jovens e deixarem de forma implícita outras carências que não as sociais, aquelas de ordem subjetiva como, por exemplo, angústia e transformações, físicas e psicológicas. Carências essas que podem ser apreendidas quando são oportunizadas outras falas além daquelas acerca da marginalização econômica e social.

Sendo assim, o que se pretende com esse artigo é propor o levantamento de discussões que possam subsidiar uma abordagem sobre a temática de jovens infratores para além da teoria do desenvolvimento econômico. Entendendo assim, que há outros fatores de ordem psicológica, histórica e sociológica que contribuem a este fenômeno.

Nesse sentido, é válido destacar que o reforço e reprodução dos modos pejorativos de classificação dos atores sociais, no estudo de Elias (2000), eram passados desde a socialização primária, isto é, de pais para filhos, sendo que até na estigmatizada Zona 3 estes reforços negativos eram passados como algo natural daquele lugar, como uma herança histórico-sociológica.

Pertinente a essa discussão, Berlinck (1998) ao descrever sobre impactos do estado psíquico na organização estrutural da sociedade, salienta que o indivíduo se vê num emaranhado de elementos que estruturam o sujeito, que fragmentado, não encontra ordem alguma.

Como exemplo de arbítrio simbólico acerca dessa fragmentação no processo de socialização de jovens em risco social, Cerqueira Filho (1993) salienta a fragmentação corporal como colaboradora para a própria perda de identidade, o que os torna mais vulneráveis.

Nas relações onde prevalece o arbítrio o ser humano é tratado como mão-de-obra, bunda-mole, braço para a lavoura, cabeça-dura, etc. (...) expressões reveladoras presentes seja nos discursos das crianças e adolescentes em situações de risco, seja nos discursos da polícia, imprensa, educadores, agentes sociais, etc. (p. 39).

Apelidados como Barriga, Beíçola, Orelha, Dentinho, Cabeça, Cabeleira, Queixada, etc. (...) reificam permanentemente a fragmentação corporal e promovem a anulação da integridade e da identidade (p. 45. grifo do autor).

Consonante a essas argumentações, Elias (2000, p.185) apontou que “(...) a estrutura de uma comunidade/bairro pode influenciar no desenvolvimento da personalidade dos jovens que ali cresçam”. Isto pode ser experimentado até pela nomenclatura dada às divisões da região pelos moradores das duas primeiras zonas, compostas por gerações de famílias comuns, que se autodeterminavam *os aldeões*. As falas abaixo são particularmente esclarecedoras sobre a distinção feita entre os moradores das Zonas 1 e 2 em relação aos moradores da Zona 3.

UMA DONA DE CASA: “Eles simplesmente não têm os mesmos padrões que nós”.

UMA DONA DE CASA: “Eles não tem a menor autoridade sobre os filhos”.

UMA DONA DE CASA: “Lá eles estão sempre brigando”.

UMA DONA DE CASA: “Aquele lugar não é como a aldeia”.

UMA DONA DE CASA: “Eles têm uma moral muito baixa”.

UMA DONA DE CASA: “O pessoal daqui não fica brigando e criando casos”.

UM MECÂNICO APOSENTADO: “Eles são refugiados, um bando de beberrões, isso é o que eles são”.

UM FERROVIÁRIO: “É gente do East End que não está acostumada a nada melhor”.

UM OPERÁRIO NÃO-QUALIFICADO: “Eles são diferentes como água e vinho”.

UM CONTRAMESTRE: “Vamos ser francos, eles são gente de outra classe”.

UM COMERCIANTE: “Egressos das favelas – irlandeses, cockneys, sei lá o quê” (ELIAS, 2000, p.112).

Os habitantes da Zona 3 eram mais conhecidos como moradores do “loteamento”, ou “beco dos ratos” (ELIAS, 2000, p.112-3). Inclusive as pessoas da Zona 3 eram chamadas pelos aldeões (habitantes das duas primeiras zonas) de *cockneys*, cuja tradução se refere à mulher afetada ou linguagem da classe baixa de Londres. Eis alguns exemplos de falas dos moradores do loteamento sobre seu próprio bairro.

UM MECÂNICO: “Tem um bocado de gente esquisita por aqui. Toda sorte de estrangeiros, de modo que não lhes dou confiança”.

UM OPERÁRIO DE MALHARIA: “Eles nos chamam de “beco dos ratos”!”.

UMA JOVEM DONA DE CASA: “Não gosto daqui. Estou economizando para ir embora”.

UMA JOVEM DONA DE CASA: “Quando eu disse às operárias onde eu morava, elas me deram um olhar esquisito e disseram: Ah, lá”.

UMA JOVEM DONA DE CASA: “Gostaríamos de nos mudar antes da chegada do bebe, porque não queremos que ele cresça com esses garotos desbocados daqui”.

UM TIPÓGRAFO: “Os cockneys são cerca de metade das pessoas do loteamento, e são eles que criam todos os problemas” (ELIAS, 2000, p.113).

Sendo assim, das configurações estudadas a partir das normas de socialização, Elias (2000) salienta que enquanto os *aldeões* se tratavam e se organizavam como parte de uma parentela<sup>11</sup>, aos habitantes da Zona 3 restava o status de *cockneys* e papel de algozes. Limite

---

<sup>11</sup> Segundo Saraceno (1992), a parentela é o conjunto de parentes, atores sociais que em relação aos outros pertencem à mesma família seja por laços consanguíneos ou laços afetivos de afinidade, nesse caso, observe que até membros da vizinhança podem constituir a parentela.

e ordem se manifestavam como ações legítimas dos aldeões a serem impostas aos que moravam no “loteamento”.

Se por um lado, a parentela enreda a família numa teia de relações compostas não apenas de regras determinadas e rígidas, mas também por necessidades e escolhas; assim, o termo rede sugere trocas diretas e indiretas, além de apoio e proteção (social); de forma que esta parentela confere dinamismo à estrutura familiar/vizinhança, cuja organização social perpassa pelo regulamento das trocas e das reciprocidades. Por outro, os que não fazem parte de uma mesma rede precisam buscar outros códigos de criação e recriação do pacto social.

Tendo como aporte os três registros indissociáveis do funcionamento psíquico, apresentado na teoria lacaniana, na qual a relação entre o real, o imaginário e o simbólico se mesclam fundamentando um imaginário social<sup>12</sup>. Cria-se uma rede de interdependência entre os atores sociais daquela localidade, em que os estereótipos iam da sujeição criminal à sujeição de vítima; donde se traduz que o local não corrompe as pessoas, mas a forma como se dá a concepção identitária aliada às normas que são introjetadas em suas mentes e corpos, transpassam através de marcas físicas, comportamentais e psíquicas tomando mentes e corações.

## Referências

BERLINCK, Manoel Tosta. *Psicanálise da clínica cotidiana*. São Paulo: Escuta, 1998.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio. *A ideologia do favor & a ignorância simbólica da lei*. Rio de Janeiro: CEUEP, 1993.

DURKHEIM, Emile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.  
\_\_\_\_\_. *O processo civilizador*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

---

<sup>12</sup> Em entrevista à coluna Percurso, Maria Rita Khel fala de seus trabalhos e suas influências na área da psicanálise, entre Freud e Lacan ela faz em seu relato uma breve apreciação dos conceitos de tais estudiosos e a aplicação dos mesmos à realidade por ela estudada, juventude.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FRAGA, Paulo César P.; LULIANELLI, Jorge Atílio S. (org.). *Jovens em tempo real*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Trad. Rosa Freire d'Águia e Eduardo Brandão

KHEL, Maria Rita. *Pensamento/ética/criação*. Percurso, São Paulo, n. 39, ago. 2007. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/percurso/main/pes39/39Entrevist.htm> . Acesso em: 30 jan. 2012.

\_\_\_\_\_. *A fratria órfã: conversas sobre juventude*. São Paulo: Olho d'Água, 2008.

MISSE, Michel. *Sobre a construção social do crime no Brasil: Esboços de uma interpretação*. Rio de Janeiro: NECVU/UFRJ, 2004. Disponível em: <http://www.necvu.ifcs.ufrj.br/images/8sobreaconstruaosocialdocrime.pdf> . Acesso em: 28 dez. 2009.

RIBEIRO, Renato J. *Há uma etiqueta democrática?* [S.l.: s.n., 200-?]. Disponível em: <http://www.renatojanine.pro.br/Etica/etiqueta.html> . Acesso em: 10 jul. 2001.

SARACENO, Chiara. *Sociologia da Família*. Estampa: Lisboa, 1992.

SIRENA, Gustavo. *Antropologia criminal de Lombroso. Uma Visão Atual*. [S.l.: s.n.]: Ponto Jurídico, 2011. Disponível em: <http://pontojuridico.com/modules.php?name=News&file=article&sid=159> . Acesso em: 01 fev. 2012.

SOARES, Gláucio Ary Dillon. *Não matará: desenvolvimento, desigualdade e homicídios*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.